

MESOPOTÂMIA

“Atravessei a montanha e avancei sobre Kinabou, fortaleza de Hulaí (o chefe rebelde)... Em um choque impetuoso como a tempestade, eu me abati sobre a cidade, conquistei-a; 600 de seus guerreiros passei a fio de espada, 3.000 prisioneiros entreguei às chamas, e não deixei um só vivo para servir de refém. Hulaí, aprisioneiei-o vivo por minhas próprias mãos, esfolei-o e estendi sua pele sobre a muralha... De Kinabou, parti e aproximei-me de Tela... por batalha e carnificina, assaltei a cidade e conquistei-a. Três mil de seus guerreiros passei pelas armas..., entreguei muitos às chamas e fiz um grande número de prisioneiros vivos: a uns cortei as mãos e os dedos, a outros o nariz e as orelhas; a muitos tirei a vista”.¹

Assurnazirabal, rei da Assíria

A violência organizada nem sempre foi uma característica da humanidade. Por milhares de anos, grupos de caçadores-coletores se deslocaram de um local para outro em busca de alimentos de forma predominantemente pacífica. Os atos de violência ocorriam de modo esporádico e instintivo, normalmente por melhores áreas de caça, pesca ou coleta. O combate em larga escala surgiu com a sedentarização do homem, que resultou no aparecimento das primeiras civilizações.

Há cerca de 10 mil anos, grupos de caçadores-coletores se assentaram no Crescente Fértil, faixa de terra do Oriente Médio, onde havia caça abundante e vastos campos de cereais silvestres. O Crescente Fértil se prolongava da Jordânia até a Anatólia, atingindo também os rios Tigre e Eufrates e o golfo Pérsico. Os habitantes dessa região, aos poucos aprenderam a semear, dando origem à agricultura e à consequente fixação permanente do homem a terra.

A agricultura apresentou no Crescente Fértil grande produtividade: o mesmo espaço que sustentava um caçador-coletor era capaz de alimentar por volta de duzentos agricultores. A abundância de alimentos deu origem a aldeias, onde muitas pessoas, liberadas do trabalho no campo, passaram a se especializar em ofícios, surgindo, em consequência, artesãos, pedreiros e carpinteiros, entre outros.

A sedentarização não foi um fato generalizado. Muitos grupos nômades permaneceram migrando ou se tornaram pastores. Assim, nesse período, podiam ser visualizados três tipos de coletividade: a dos caçadores-coletores, que tinham um vasto território não fixo para explorar; a dos pastores, que possuíam locais de água e pasto; e a dos agricultores, que cultivavam a terra.

¹ apud ISSAC; ALBA, 1968, p. 68.

Nômades e pastores eram uma ameaça constante aos estoques de alimentos e riquezas dos agricultores. Estes, para protegerem suas povoações e terras começaram a se organizar militarmente. Nas ruínas de Jericó, cidade fundada por volta de 8000 a.C., que deve ter abrigado uma população de dois a três mil agricultores, foram encontrados indícios de muralhas, torres e fossos. Essas primeiras fortificações demonstram que os habitantes de Jericó possuíam inimigos bem armados e organizados. Os conflitos, porém, ainda eram bastante limitados devido à baixa densidade demográfica. Os atos de violência se concretizavam em embates travados por pequenos grupos, que não apresentavam uma classe militar especializada.

As armas estavam mais ligadas à caça do que à guerra. Havia a clava, a adaga, a funda e o arco. Os três primeiros armamentos eram refinamentos de armas pré-históricas: a clava derivou do cacete, a adaga da ponta da lança e a funda passou a lançar bolas de pedra antes arremessadas com as mãos. O arco, no entanto, era uma novidade, sendo a primeira máquina de partes móveis que transformou energia muscular em mecânica.

Em torno de 8500 a.C., um povo se deslocou das proximidades do mar Cáspio para a Mesopotâmia (região do Crescente Fértil, entre os rios Tigre e Eufrates), onde estabeleceu aldeias de agricultores. Os integrantes desse povo, que ficariam conhecidos como sumérios, edificaram a primeira civilização.

Os sumérios desenvolveram uma próspera agricultura irrigada que lhes proporcionava um excedente de cereais muito superior às suas necessidades. Graças a isso, por volta de 3500 a.C., as primitivas aldeias já haviam evoluído para cidades-estados, com diferentes classes sociais e sistemas de governo e religião organizados.



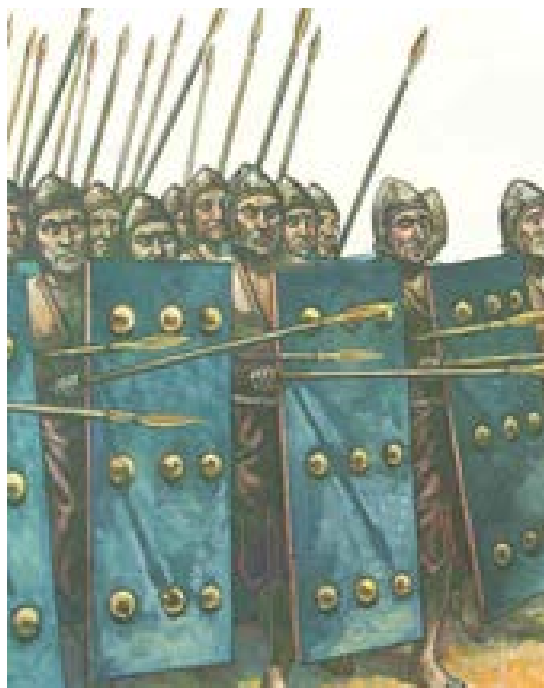
As principais cidades sumérias foram Ur, Uruk, Lagash e Nipur. Eram autônomas e frequentemente entravam em conflitos fronteiriços, que decorriam da busca por maiores ou melhores reservas de água para irrigação e terras para o plantio. No início, as cidades eram governadas por um sacerdote (patesi), assessorado por um conselho de anciãos. O patesi controlava as instituições civis e religiosas, comandava o exército e coordenava o estabelecimento de redes comerciais. Com o passar do tempo, o patesi passou a governar de forma despótica, atribuindo-se o direito de nomear seu sucessor, surgindo, então, as dinastias.

A Suméria nunca desfrutou de paz por muito tempo, tendo os conflitos se intensificado a partir de 3100 a.C. Além dos embates locais, a falta de barreiras naturais proporcionava que inimigos de outras regiões constantemente assolassem ou mesmo se fixassem na região. Um desses povos, o acádio, dominou as cidades sumérias e estabeleceu o primeiro império mesopotâmico (2330 – 2180 a.C.).

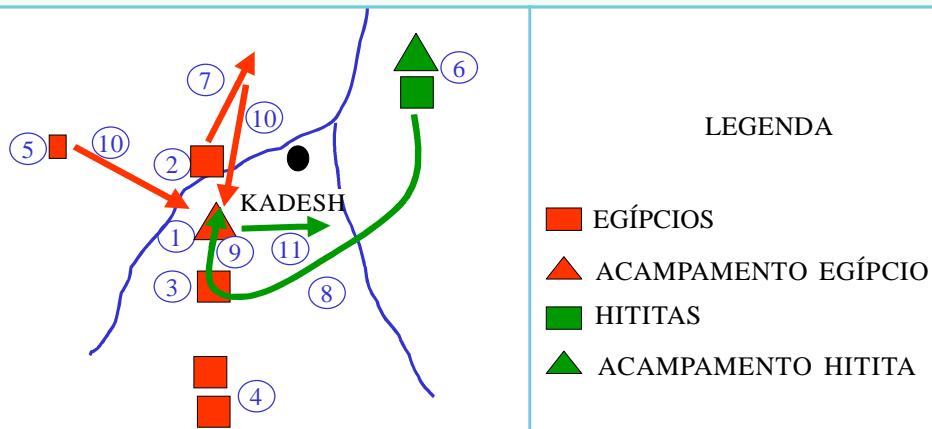
Os impérios na Mesopotâmia foram efêmeros. Destruído um deles, as cidades-estado voltavam a lutar entre si até que uma delas impusesse sua hegemonia. Desse modo, após o fim do Império Acádio, ocorreu o surgimento de outros, entre os quais o 1º Império Babilônico (1800-1600 a.C.), o Império Assírio (1875-612 a.C.), e o 2º Império Babilônico (612-539 a.C.). Nesse contexto, os sumérios, aos poucos, desapareceram como um povo distinto. Seu legado cultural, base da civilização mesopotâmica, foi absorvido pelos diversos povos que dominaram, em diferentes momentos, a região entre-rios.

Desde o princípio, diante da instabilidade reinante, as cidades mesopotâmicas procuraram organizar forças militares. O rei comandava seus guerreiros durante a batalha, participando ativamente das ações de combate. De modo geral, soldados profissionais e semitreinados (membros da comunidade, recrutados em situações de emergência) formavam os exércitos. Existiam diferentes tipos de unidades, que eram armadas e equipadas de acordo com a hierarquia social e riqueza de seus integrantes. As classes superiores, mais abastadas, combatiam em carros de guerra: um vagão sobre rodas puxado primitivamente por asnos e mais tarde por cavalos. Os carros de guerra dispunham de um condutor, proporcionando aos soldados que transportavam (aurigas) grande liberdade para

INFANTARIA DA MESOPOTÂMIA - III MILÊNIO a. C.



EGÍPCIOS, HITITAS E A BATALHA DE KADESH

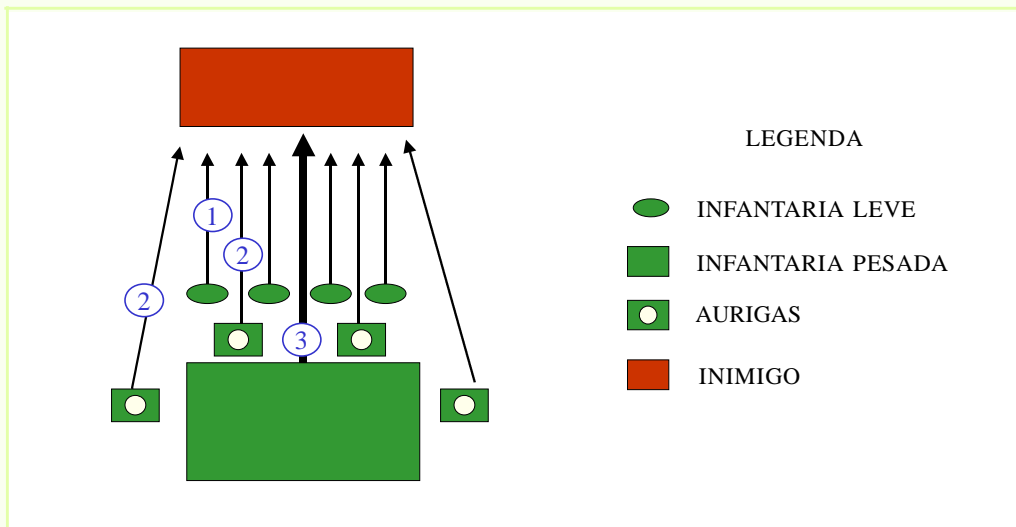


Os egípcios e hititas destacaram-se paralelamente aos povos mesopotâmicos. A civilização egípcia teve início por volta de III Milênio a.C., ao longo do rio Nilo, no nordeste da África. O isolamento da região permitiu que os egípcios vivessem pacificamente, desfrutando de grande prosperidade econômica, o que possibilitou a construção de monumentais obras (pirâmides). A partir do II Milênio a.C., o Egito passou a sofrer invasões de povos originários da Ásia, superiores na arte militar (empregavam carros de guerra e armas de ferro). Para expulsá-los, os egípcios se viram obrigados a desenvolver um espírito belicista, que impulsionou conquistas militares. Ramsés II levou a expansão territorial egípcia até a atual Síria, onde foi detido, na Batalha de Kadesh, pelos hititas, que haviam estabelecido um poderoso império na Anatólia.

A Batalha de Kadesh ocorreu em 1294 a.C. Em disputa estava o controle do território da atual Síria. As tropas egípcias, lideradas pelo faraó Ramsés II, contavam com cerca de 20 mil homens, agrupados em 4 divisões (Amon, Ra, Ptah e Seth); as forças hititas, comandadas pelo rei Muwatalis, somavam por volta de 17 mil soldados. Os hititas dominavam o uso do ferro e tinham melhores carros de guerra, o que equilibrava o poder de combate dos oponentes, já que os egípcios possuíam maior efetivo. Ramsés II acampou perto de Kadesh (1), com a divisão Amon (2), tendo em vista aguardar a divisão Ra, que estava em sua esteira cerca de 5 quilômetros (3); as divisões Ptah e Seth estavam acampadas cerca de 10 quilômetros ao sul da divisão Amon (4); a oeste da divisão Amon encontrava-se a tropa de elite egípcia de Ne'arin (5). Os hititas estavam acampados a nordeste do acampamento egípcio (6). Ramsés II obteve informações falsas que Muwatalis se retirava em direção ao norte. Visando persegui-lo, deixou seu acampamento, seguindo para o norte com a divisão Amon (7). Muwatalis, na verdade, tomou a direção sul, atacando e dispersando a divisão Ra (8). Em seguida, os hititas ocuparam o acampamento da divisão Amon, passando a pilhá-lo (9). Distraídos pela pilhagem, os hititas permitiram que os egípcios se reagrupassem e lançassem um exitoso contra-ataque (10). Os hititas então se retiraram do acampamento egípcio (11). A batalha terminou em um impasse. Os soberanos, em seguida, firmaram um acordo de paz.

Pouco tempo depois da Batalha de Kadesh, o Egito entrou em decadência, sendo conquistado por outros povos, e o império dos hititas se esfacelou devido a conflitos internos.

FORMA USUAL DE COMBATE MESOPOTÂMICA



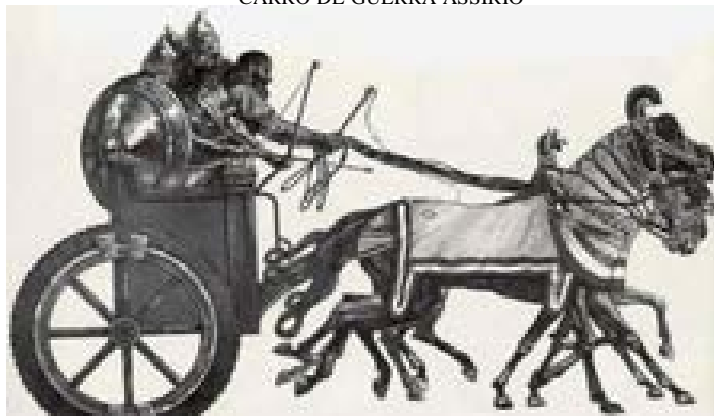
No local do embate, a infantaria pesada formava uma massa estável de soldados dispostos em quadrados ou retângulos, ao redor da qual manobravam os aurigas. A batalha normalmente se iniciava com a ação da infantaria leve, que lançava mísseis sobre as unidades adversárias (1). Os aurigas dirigiam seus carros de guerra em direção ao inimigo, arremessavam dardos ou flechas, fazendo em seguida meia volta (2); infligiam, assim, durante todo o combate, pesados danos ao inimigo (não desempenhavam, porém, na maioria das vezes, um papel decisivo). Era normalmente um ataque frontal da infantaria pesada que decidia o combate (3). Os inimigos capturados eram escravizados ou mortos, muitas vezes depois de sofrerem terríveis suplícios.

arremessar flechas, dardos ou manejar outro tipo de armamento. As classes mais desfavorecidas integravam a infantaria. Nesta, havia unidades pesadas, formadas por soldados equipados com lanças, maças, espadas, armaduras e escudos; e unidades leves, compostas por arqueiros, dardeiros e fundeiros. A infantaria pesada possuía grande poder de choque, mas pouca mobilidade; a leve, em contrapartida, grande agilidade, mas pouca força de choque. Os soldados combatiam motivados, normalmente, por promessas de conquistas de riquezas e novas terras, ou ainda, quando atacados, em defesa de suas cidades e bens.

O BRONZE E O FERRO

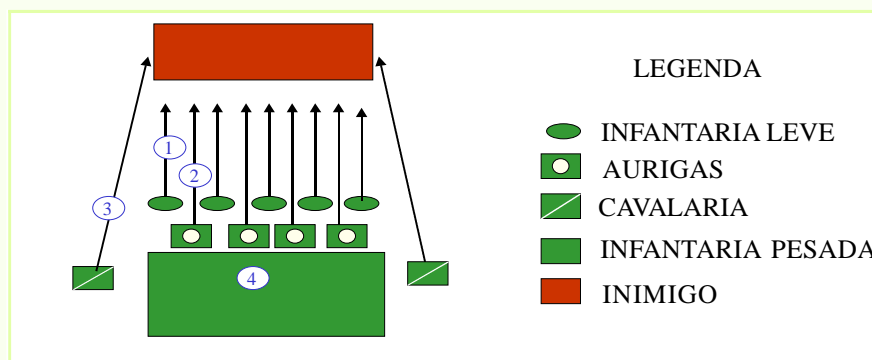
Os primeiros armamentos foram confeccionados com madeira e lascas de pedra. Por volta de 3500 a.C., metalúrgicos criaram armas de bronze, mais duras que as de pedra e capazes de manter um fio cortante. Ao longo do II Milênio a.C., se iniciou a produção de armas de ferro, muito mais resistentes que as de bronze. Os povos que inicialmente dominaram o uso das novas tecnologias obtiveram expressivas vantagens nos campos de batalhas.

CARRO DE GUERRA ASSÍRIO



A partir do II Milênio a.C., os assírios, assentados à volta de três cidades-estado situadas no norte da Mesopotâmia (Assur, Nínive e Arbela), iniciaram a formação de um poderoso império. Para suplantar seus rivais, contra os quais estavam em luta constante, organizaram um poderoso exército, que chegou a seu auge nos séculos VIII e VII a.C. Nesse período reinou Tiglar-Pileser III, que reorganizou as forças militares assírias. Visando aumentar a eficiência militar de seu exército, dividiu suas tropas por categorias. Em um primeiro plano ficava a guarda real, destinada a proteger o rei, composta por cavaleiros, aurigas e, em menor proporção, infantes (estes denominados “heróis”). Em um segundo grau de importância estava uma força uniformizada e permanente, destinada a prover as guarnições das vilas e cidades, também composta por cavaleiros, aurigas e infantes. Milícias (tropas auxiliares de segunda linha, semitreinadas), formadas em épocas de emergência pelos demais homens do império, constituíam uma terceira categoria.

FORMA USUAL DE COMBATE ASSÍRIA



Nas batalhas, os cavaleiros, juntamente com os aurigas, eram os principais elementos de manobra. Os assírios iniciavam o combate com uma chuva de projéteis lançados pela infantaria leve (1); seguiam-se ataques frontais desencadeados por carros de guerra (2) e ataques nos flancos realizados pela cavalaria (3); à infantaria pesada cabia realizar ataques posteriores, caso o inimigo ainda resistisse (4). Os ataques eram impetuosos, caracterizados por grande carnificina.

Na época de Tiglar-Pileser III, a cavalaria já havia adquirido grande importância, sendo constituída por arqueiros e lanceiros. Por ocasião do combate, os arqueiros lançavam chuvas de flechas sobre o inimigo, enquanto os lanceiros arremessavam suas lanças contra o adversário ou desmontavam para lutar. A cavalaria era empregada também para realizar reconhecimentos e perseguir inimigos.

Além de aprimorar o emprego de seu exército em batalhas, os assírios se preocuparam com outros aspectos de uma campanha militar. Criaram arranjos logísticos (depósitos de suprimentos, colunas de transporte) capazes de manter exércitos de até cem mil homens em operações que chegaram a atingir quinhentos quilômetros de distância de sua base inicial. Comboios de asnos e camelos transportavam a alimentação e o material para suprir as tropas. As comunicações eram mantidas por cavaleiros que podiam se deslocar rapidamente a qualquer parte do império. Para manter a velocidade nos deslocamentos, corpos de sapadores destacados antecipadamente melhoravam os caminhos, desbastando matas, lançando pontes ou escavando terrenos.

Os sapadores também eram empregados em sítios a cidades, nos quais os assírios foram mestres. Normalmente utilizavam dois processos para subjugar uma cidade. O primeiro consistia do emprego de engenhos para ultrapassar ou derrubar partes das muralhas inimigas. Para isso construíam escadas, rampas de terra ou cascalho, torres móveis de madeira, aríetes (grandes toras com ponta de metal, normalmente montadas sobre rodas, protegidas com cobertura de madeira) e túneis. Aberta uma brecha na muralha, realizava-se um vigoroso assalto. Caso não fossem bem sucedidos na tentativa de passar pelas muralhas, utilizavam o segundo processo, que tratava-se de um cerco prolongado à cidade, obrigando os sitiados a se render devido à falta de víveres. Qualquer que fosse o método, a conquista de uma cidade era seguida por pilhagens, chacinas, mutilações, empalações, deportações e outras crueldades.

POVOS DAS ESTEPES

As estepes, que iam do mar Negro à China, foram o berço de diversos povos nômades que periodicamente assolaram as civilizações ocidentais e orientais. Esses povos foram pioneiros no emprego em batalha das armas de bronze e ferro, dos carros de guerra e da cavalaria, o que lhes conferia vantagens sobre os adversários.

Em torno de 2000 a. C., ocorreu a primeira grande onda de invasões, quando nômades das estepes subjugarão povos da Europa e Oriente Médio. Ao longo dos séculos, seguiram-se outras invasões, desencadeadas por citas, sármatas, hunos e mongóis, entre outros.

As invasões só cessaram na Idade Moderna com o advento das armas de fogo, frente às quais os cavaleiros das estepes se tornaram vulneráveis.

Atrocidades eram comuns no Oriente Médio, mas os assírios deliberadamente as intensificaram para espalhar o terror e incentivar os povos à submissão. Todavia, o uso do terror acabou por se mostrar uma má estratégia, pois revoltas começaram a ocorrer em todo o império. Essas revoltas, aliadas a incursões de cavaleiros nômades sobre a Mesopotâmia, enfraqueceram as forças assírias.

Em 626 a.C., os babilônios se rebelaram contra a dominação assíria, ganhando adesão dos medos (povo que habitava o noroeste do Irã) e de tribos citas, recém-chegadas das estepes da Ásia Central. Embora ainda fortes, os exércitos assírios não conseguiram fazer frente à coligação. A razão principal disso foi a incapacidade dos assírios em lutar contra adversários que faziam largo uso da cavalaria (nas batalhas campais, as cavalarias medas e citas, superiores em quantidade e qualidade, se lançavam impetuosamente sobre os flancos e retaguarda dos exércitos assírios, terminando, normalmente, por derrotá-los).

Em 612 a.C., Nínive, a capital assíria, foi destruída, passando a hegemonia na região a ser exercida pelos medos e babilônios. Tal situação perdurou por pouco tempo, pois os persas (povo que vivia sob jugo dos medos) logo assumiram um papel preponderante. Em 526 a.C., o persa Ciro, após vencer uma disputa dinástica, criou um reino unido de medos e persas. Em seguida, Ciro liderou seus exércitos em campanhas vitoriosas contra os lídios (povo que tinha um reino na Ásia menor) e babilônios, as quais deram origem ao Império Persa.

Após a morte de Ciro, seus herdeiros, Cambises II e Dario I, expandiram ainda mais os domínios persas, que chegaram a se estender do rio Indo à Trácia, formando o maior império que o mundo já viu.



Os persas adotaram muitas das práticas militares assírias, mas procuraram aperfeiçoá-las. Um dos pontos fracos da organização militar assíria era a deficiente cavalaria; os persas resolveram esse problema recrutando grande número de excelentes cavaleiros, entre os quais os citas. Ao contrário dos assírios, que tratavam brutalmente os povos vencidos, os persas respeitaram o modo de vida dos povos submetidos, conseguindo, com isso, espontaneamente, numerosas tropas de segunda linha para seus exércitos, formadas por bactrianos, indianos e jônios, entre outros. No exército persa também havia uma tropa de elite, denominada “os imortais”, que, entre outras missões, fazia a guarda do rei.

No século V a.C., os persas se chocaram com os gregos, o que originou um longo período de lutas entre esses povos: as Guerras Médicas.